

Fresquet, Adriana e Xavier, Márcia (Orgs). (2008). *Novas imagens do desaprender. Uma experiência de aprender cinema entre a cinemateca e a escola*. Rio de Janeiro: Booklink-CINEAD – LISE – FE/UFRJ.

276 pp.
ISBN: 9788577290604

Resenhado por Suzana Feldens Schwertner
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Outubro 9, 2009

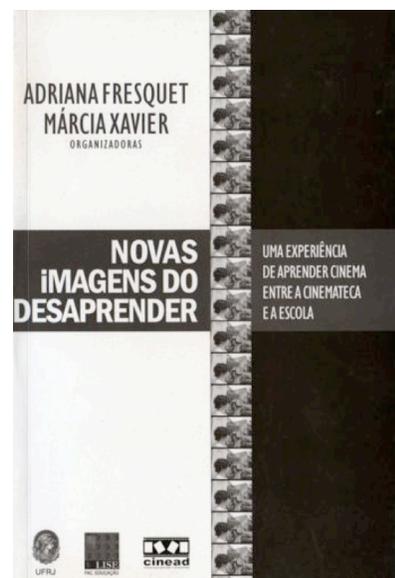
A tela de cinema como quadro negro

Imagens para aprender, imagens para desaprender. Nada mais coerente que iniciar a resenha de um livro que trata sobre imagens – imagens do cinema – oferecendo uma imagem. Mais especificamente, uma pintura intitulada *Imagining teachers*, da autoria de Marcela Harvey¹. Nossa intenção aqui não é analisar tal imagem, tão repleta de



detalhes e cores, mas chamar atenção para o terço superior do quadro. A combinação das palavras e imagens na pintura nos sugere uma sala de aula com suas portas abertas, que nos levam a um quadro negro. Naquele mesmo espaço da imagem, poderíamos pensar em uma tela negra ao fundo (uma tela de cinema, por que não?), nas portas largas e no cartaz que nos convidam a entrar e penetrar naquele recinto meio claro, meio escuro – que bem poderia ser uma sala de projeção. Quadro negro como tela de cinema, tela de cinema como o quadro negro da escola; espaços em que se aprende e desaprende.

Nesta passagem à porta de entrada (da escola? Do cinema?), somos acompanhados por alguns pares de olhos, bem como por algumas palavras, entre as quais destaco



¹ A imagem aqui referida é capa do livro *Imagining teachers: rethinking gender dynamics in teacher education* (Rowman and Littlefield Publishers, 2001), de Gustavo Fischman.

“visão” e “identidade”, escritas em tinta branca (giz?) na altura dos olhos da/o personagem central do quadro. Olhos de diversas cores e tamanhos nos trilham até a porta, olhos abertos e fechados – seriam representações das nossas reações frente à sala de aula, ou frente às emoções do cinema? Ir à escola e ir ao cinema solicita um certo deslocamento, exige uma saída de casa para o local das salas (seja de aula, seja de cinema); deslocamento que é também proposto pelas organizadoras no subtítulo do livro: aprender entre espaços, entre a cinemateca e a escola, a partir de *Novas Imagens do Desaprender*.

O livro remete a um primeiro volume, *Imagens do desaprender – Uma experiência de aprender com o cinema*, lançado em 2007. Este segundo volume apresenta os resultados do projeto de pesquisa e extensão CINEAD – Cinema para Aprender e Desaprender, envolvendo as etapas fundamentais no processo de conhecimento: pesquisa, análise e prática. Aponta, então, para novidades e criações a partir dos fundamentos discutidos na obra anterior.

Contando com a colaboração de vinte autores em mais de vinte textos, a obra é resultado de um produto de coletividade, princípio essencial do fazer cinematográfico. O livro se apresenta subdividido em três partes, cada qual relacionada a diferentes e complementares etapas do projeto (pesquisa, análise e extensão). A tríade evocada em todos os capítulos – aprender, desaprender e reaprender – tem inspiração no nó borromeano estudado por Lacan, conforme destacam as organizadoras na parte inicial do livro. Tal configuração nos diz da impossibilidade de desfazer os elos entre Imaginário, Real e Simbólico, para a Psicanálise. Nesta obra, especificamente, aparece transposto para a impossibilidade de desenlaçar os eixos de aprender, desaprender e reaprender, inseridos em um estudo que se propõe, simultaneamente, um modo de pesquisar, analisar e aplicar/executar.

Se naquele livro – conforme resenha de Débora Nakache (2008) – o foco principal foi apresentar análises de filmes sobre a infância, o segundo volume propõe apresentar, além da pesquisa sobre filmes e acervo impresso, os primeiros resultados do trabalho de um ano de pesquisa. Preocupados em fazer emergir crianças e adolescentes nas imagens e linguagens do cinema, os pesquisadores-autores apresentam resultados das experiências iniciais de fazer cinema com “gente pequena, nem tão pequena assim...”

A primeira parte do livro trata da pesquisa sobre filmes, embasada teoricamente por Mikhail Bakhtin, Alain Bergala e Walter Benjamin (novamente uma tríade!), autores que sustentam os estudos não apenas na parte teórica, mas nas três modalidades do projeto. Iara Arendt e Vanessa Martins, no segundo capítulo, ao pesquisar a produção teórica sobre educação e cinema no Brasil dos anos 70, bem como a produção fílmica da época, chamam atenção para a importância de se preservar o patrimônio audiovisual de nosso país. Tarefa esta que vem sendo realizada, com êxito, pela Cinemateca Brasileira. As autoras revelam preciosidades possíveis de serem garimpadas naquele espaço e criam uma atmosfera de curiosidade em relação às inúmeras possibilidades de pesquisa sobre cinema e educação na Cinemateca.

O comprometimento em apresentar crianças e adolescentes como espectadores ativos e atribuidores de sentido àquilo que (des)aprendem com as imagens contribui para a seriedade da publicação. Conforme Adelaide Léo defende no terceiro capítulo, pensar a criança e o jovem “... não apenas como expectadores, mas também como autores, como realizadores de uma obra fílmica significa dizer que há um entendimento dessas fases do desenvolvimento humano como potências de vida, de ação” (p. 57). A parte analítica da pesquisa busca ouvir as vozes das crianças e adolescentes, valorizando a participação ativa adicionada ao contexto cultural, ao olhar singular e à escuta dos participantes, segundo resume Geórgia Moutella Jordão.

A metodologia microgenética, utilizada na pesquisa e apresentada por Adriana Fresquet na segunda parte do livro, reporta à análise de mudanças e transições nas falas dos participantes, elementos essenciais a serem observados em um estudo que se propõe escutar a voz analítica de crianças e adolescentes. Através do exemplo de trabalhos com os grupos de pesquisa, nos aprofundamo no conhecimento de tal metodologia e conhecemos, no capítulo *Príncipes e Princesas* (tripla autoria de Helen Oliveira, Maria Xavier e Adriana Fresquet), o que as crianças de 5ª ano do Ensino Fundamental pensam sobre crianças fazendo cinema no contexto escolar.

Já a terceira parte do livro é dedicada às impressões do primeiro ano de trabalho, que teve como objetivo principal “impregnar de cinema” e “fazer arte” com crianças e jovens alunos, permitindo a possibilidade de desaprender na escola, através do cinema. Como definem os autores do primeiro capítulo desta terceira parte do livro: “Nada mais estrangeiro do que a arte no contexto escolar. Arte não obedece, não repete, não aceita sem questionar. Fazer arte é desconstruir, alterar a ordem estabelecida. Arte reclama, desconstrói, resiste com certa irreverência, desaprende” (p. 194). Fazer arte significa também conversar sobre cinema, assistir a filmes cuidadosamente selecionados, pensar a imagem e por imagens, conforme solicita Ana Lucia Soutto Mayor. É igualmente escrever planos e roteiros com os alunos, percebendo a presença de elementos cotidianos da mídia (especialmente, da televisão) na elaboração de roteiros, como observado por Gustavo Sampaio Rego. Fazer arte também se relaciona com o aprendizado de técnicas inovadoras do cinema, como a montagem, “um choque entre imagens e idéias”, definição apresentada por Gregório Galvão Albuquerque no quarto capítulo da última parte do livro. Ensinar sobre montagem no cinema faz parte do desaprender, pois é constituinte do trabalho de reconstrução do olhar: “... ou seja, o real é selecionado, repartido ou até mesmo excluído para compor a história” (p. 235).

Desaprender. Esta é a proposta fundamental do projeto de pesquisa e extensão CINEAD, bem como desta coleção de escrita, que deverá seguir em um terceiro volume. Desaprender entre a cinemateca e a escola, entre a sala de projeção e a sala de aula – duas salas em uma, como enfatizamos na pintura apresentada no início da resenha. (Des)Educar pelo cinema: eis a tarefa do CINEAD como “passador” (aquilo/aquele dotado de postura comprometida e responsável), que segue apresentando os resultados de pesquisa e seus efeitos em crianças e jovens alunos. Importante lembrar, juntamente com Diego Rebouças, que o cinema potencializa: “O Cinema tem esse poder. De capturar e envolver. Justamente por isso, pode ser uma ferramenta poderosa na construção de um diálogo com as crianças e os jovens, estimulando a criatividade e um posicionamento autoral perante o mundo” (p. 101).

Referências

- Harvey, Marcela. *Imagining teachers*. 2001.
- Nakache, Débora. Resenha do livro *Imagens do Desaprender. Uma experiência de aprender com o cinema*. Disponível em: <http://edrev.asu.edu/reviews/revs198index.html>. Último acesso em 01/09/2009.

Acerca da autora do livro: Adriana Fresquet é professora adjunta em Psicologia da Educação do Departamento de Fundamentos da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. No Programa da Pós-Graduação em Educação oferece uma disciplina e um seminário sobre Cinema e Educação, objeto de seu projeto de pesquisa e extensão, chamado Cinema para aprender e desaprender. Gestou o convênio assinado entre a Faculdade de Educação e o MAM-Rio e criou a Escola de Cinema do Colégio de Aplicação da UFRJ em 2008. Coordena a coleção Cinema & Educação, co-edição Booklink-UFRJ com

Hernani Heffner, pesquisador e conservador chefe da Cinemateca do MAM-Rio. Em 2005, concluiu seu pós-doutorado sobre Cinema, Infância e Educação. E-mail: adrianafresquet@fe.ufrj.br

Acerca da autora da resenha: Suzana Feldens Schwertner é psicóloga e doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Integrante do NEMES/UFRGS – Núcleo de Estudos sobre Mídia, Educação e Subjetividade.

Resenhas Educativas/ Education Review

publica resenhas de livros recém-lançados na Educação, abrangendo o conhecimento e a prática em sua totalidade. Todas as informações são avaliadas pelos editores:

•

Editor para Espanhol e Português

Gustavo E. Fischman

Arizona State University

•

Editor Geral (inglês)

Gene V Glass

Arizona State University

•

Editora de Resenhas Breves (inglês)

Melissa Cast-Brede

University of Nebraska at Omaha

As resenhas são arquivadas e sua publicação divulgada por meio da listserv (EDREV).